
Pautado por Elas: a rotina de jornalistas que fazem a cobertura do futebol feminino em GZH¹

Thais Eduarda IMMIG²
Samara Letícia WOBETO³
Viviane BORELLI⁴

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

O estudo observa as rotinas jornalísticas de profissionais que fazem a cobertura do futebol feminino em GZH. Para isso, foi feita uma observação participante (Winkin, 1998; Angrosino, 2009; Peruzzo, 2005) na redação do veículo e entrevistas semi-estruturadas com jornalistas, que indicaram pistas para a inserção do tema e das mulheres na cobertura esportiva - campo historicamente dominado por homens. O artigo faz parte de uma investigação mais ampla, cujos resultados apontam para uma dicotomia: de um lado, existe uma centralidade da cobertura de futebol feminino nas repórteres ao mesmo tempo que as demandas relacionadas ao assunto não são prioridades na rotina jornalística.

PALAVRAS-CHAVE: Futebol Feminino; Rotinas Jornalísticas; Gênero; Esporte; GZH.

INTRODUÇÃO

Para Márcia Veiga (2014), o gênero do jornalismo é masculino. A autora ressalta a diferença entre as pautas repassadas para homens e mulheres: “Na hierarquia das notícias, as principais matérias eram as fortes, relacionadas ao investigativo, ao risco. Isto é, aos assuntos ‘sérios’. E para este tipo de notícia, os jornalistas propostos eram preferencialmente os do sexo masculino” (Veiga, 2014, p. 254). Como consequência

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Jornalista pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Participante do Grupo de Pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (CIMID/UFSM). E-mail: thais.immig@acad.ufsm.br.

³ Co-orientadora do trabalho. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). Participante do Grupo de Pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (CIMID/UFSM). Email: samara.wobeto@acad.ufsm.br.

⁴ Orientadora do trabalho. Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Santa Maria (POSCOM/UFSM). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Circulação Midiática e Estratégias Comunicacionais (CIMID/UFSM). Email: viviane.borelli@ufsm.br.

disso, o jornalismo esportivo por muito tempo também foi o masculino. Ao pensar em momentos marcantes do esporte midiáticos, como o pentacampeonato mundial do Brasil, pódios do Ayrton Senna na Fórmula 1 ou aquela conquista do time do coração, e lá estão eles: os homens - na arquibancada, em campo e nas transmissões. Isso porque, conforme Byerly e Ross (2006), houve a ausência ou marginalização das mulheres em cargos de alto escalão ou em assuntos considerados do “universo masculino”, como esporte, política e economia. Para se ter uma ideia, foi apenas em 1972 que uma mulher ocupou um espaço de liderança em um veículo jornalístico. Trata-se de Betsy Wade⁵, primeira chefe da editoria internacional do *New York Times*⁶.

Sendo assim, a inserção feminina no jornalismo esportivo enfrenta em dobro essa marginalização por estar em dois campos considerados originalmente masculinos: o jornalismo e o esporte. Elas só ingressaram na imprensa por serem mão de obra barata e, uma vez dentro de um veículo jornalístico, geralmente eram direcionadas para editorias jornalísticas que abordavam temas como moda, culinária e casamentos - temas considerados menores e menos relevantes (Veiga, 2014). Mulheres no esporte e na política? Nem pensar. Foi somente nos anos 70, na Rádio Mulher, que ocorreu a primeira narração feminina de uma partida do esporte, na voz da jornalista Zuleide Ranieri, que comandou o amistoso entre Sociedade Esportiva Palmeiras e Associação Portuguesa de Desportos⁷.

A partir daí, com a presença maior de profissionais nesta cobertura especializada, as mulheres começaram a ocupar as redes de TV, de onde surgiram nomes primordiais para a conquista do espaço, como os de Marilene Dabus, Cidinha Campos e Regiani Ritter. Conhecida como a “moça do Flamengo”, Marilene Dabus é

⁵ Betsy chegou ao jornal americano depois de ter sido demitida do *The New York Herald Tribune* por estar grávida. No *New York Times*, ela começou a trabalhar no jornal em 1º de outubro de 1956. [Link](#). Acesso em: 28 nov. 2023.

⁶ A inserção tardia de mulheres em cargos de lideranças em veículos jornalísticos reflete uma realidade ainda presente no cenário atual. De acordo com um relatório sobre o Perfil do Jornalista Brasileiro em 2021, realizado pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ), as mulheres representam 58% dos jornalistas. Porém, ao olhar para os cargos de liderança nos veículos, esse cenário não se repete: apenas 13% dos cargos de chefia nas redações são ocupados por jornalistas do gênero feminino. O dado é do estudo ‘Mulheres e liderança na mídia: evidências de 12 mercados’, elaborado pelo Instituto Reuters. Portanto, essas pesquisas alertam para a desigualdade de gênero nos cargos de liderança. Assim, ocupar não tem significado as mesmas oportunidades em um cenário que compara a inserção de homens e mulheres no jornalismo.

⁷ Conforme registro no site do Museu do Futebol, além de amistosos, a emissora realizou transmissões de competições internacionais e da Série A do Campeonato Brasileiro. A audiência cresceu, principalmente, entre o público masculino. Porém, em 1976, a Rádio Mulher foi à falência por falta de patrocínios. [Link](#). Acesso em 28 nov. 2023.

considerada a primeira mulher a cobrir futebol no Brasil. Ela se destacou no jornalismo em 1969 ao participar de um programa sobre o Flamengo na TV Tupi e assumir, no mesmo ano, o posto de setorista do clube no jornal “Última Hora”⁸. Cidinha Campos se destacou no cenário esportivo, sendo a única jornalista mulher a entrevistar Pelé após o milésimo gol - marcado em 1969⁹. Em 1994, a repórter esportiva Regiani Ritter, que atuava na Rádio Gazeta, se tornou a primeira mulher a cobrir uma Copa do Mundo.

Ainda é importante destacar que pensar na representatividade no campo (ou a falta dela) é um fator importante porque, conforme Márcia Veiga (2014), o jornalismo é um formador de valores na sociedade. Nas palavras da autora, a mídia - e o jornalismo em particular - participam da “produção de sentidos, na formação de valores e nas relações de poder” (Veiga, 2014, p. 27). Essas se interseccionam com as formas como são produzidas as diferenças e as desigualdades. A partir desse entendimento, o papel do jornalista entra em jogo quando pensamos no processo de criação das notícias e, em consequência, da construção da realidade. Eles são fundamentais para “a compreensão dos valores circulantes em uma sociedade e, mais do que isso, permeiam a formação de uma normatividade” (Veiga, 2014, p. 68). Esse cenário se intensifica ainda mais na medida em que o esporte praticado por mulheres ocupa espaço na mídia e leva torcedores ao estádio. Em 2023, no duelo entre Barcelona e Wolfsburg, pela semifinal da Liga dos Campeões Feminina, mais de 91.600 pessoas estiveram no estádio Camp Nou. Um público histórico para a modalidade. Em termos de comparação, na final masculina da mesma competição o público foi de pouco mais de 86 mil pessoas.

Considerando essa perspectiva, nesse artigo será observada a cobertura do futebol feminino em GZH a partir do trabalho de jornalistas esportivas. O veículo jornalístico foi escolhido por ser o de maior circulação do Rio Grande do Sul e ter uma aba do site específica para modalidades femininas. Assim, o objetivo do artigo é observar as rotinas para compreender de que forma a cobertura da modalidade aparece na editoria esportiva. Para isso, utilizou-se a observação participante e a entrevista semi-estruturada como metodologias.

⁸ Em meados dos anos 70, Marilene integrou a “Frente Ampla pelo Flamengo” e assumiu cargo de Vice-Presidente de Comunicações do clube, sendo responsável por estratégias que contribuíram para o crescimento da torcida nos anos 80. A título de curiosidade, foi de Marlene a ideia de apelidar o centro de treinamento de Vargem Grande de “Ninho do Urubu”. Como homenagem, o clube batizou a sala de imprensa da Gávea com seu nome.

⁹ No dia 23 de outubro, data em que Pelé completaria 83 anos, Cidinha Campos compartilhou o registro da entrevista em seu perfil no Instagram. [Link](#) para a postagem. Acesso em: 03 dez. 2023.

Inicialmente, é apresentada uma revisão teórica sobre as rotinas jornalísticas. Em seguida, os objetivos e metodologia utilizada na pesquisa. Partimos da hipótese de que o futebol feminino não é prioridade se comparado ao masculino para fazer uma análise da cobertura noticiosa. Para isso, foi realizada uma observação presencial na editoria esportiva de GZH, no período de 21 a 23 de agosto de 2023. E, por fim, apresenta as considerações finais que apontam para os resultados da análise, bem como reflexões a respeito das rotinas jornalísticas quando encontram a cobertura de modalidades femininas, além do protagonismo de mulheres nas redações esportivas.

ROTINAS JORNALÍSTICAS

Os manuais de redação apontam para etapas específicas no que diz respeito à produção de conteúdos jornalísticos, com ponto de partida e chegada. A primeira etapa que faz parte da rotina jornalística é a pauta. Apesar de ser um termo comum, para os jornalistas, a pauta ganha contornos peculiares. Ana Estela de Sousa Pinto (2009) pensa a pauta como o exercício mais importante - e talvez o mais difícil - da rotina jornalística. É o pontapé inicial para uma proposta de reportagem ou um projeto de cobertura - o momento em que o repórter se depara com a necessidade de colocar em prática os critérios de valor-notícia e entender se uma ideia tem o potencial de virar notícia. Por ser um planejamento, a pauta pode ser pensada como o primeiro passo do caminho a ser trilhado pelo repórter (Sousa Pinto, 2009). Mas existe uma particularidade nesse passo: para redigir uma boa pauta, “é necessário que o jornalista primeiro se afaste um pouco do fato para conseguir, posteriormente, aproximar-se dele” (Furtado, 2013, p. 152).

Para Fabiana Moraes (2022), a pauta é a coluna vertebral da notícia, aquilo que dá forma ao conteúdo jornalístico oferecido ao público. Mais do que isso, a pauta vai enquadrar algo, a partir de um ou alguns olhares - de jornalistas - que serão compartilhados para um público mais amplo (Moraes, 2022). Ainda conforme a autora, os elementos presentes ou descartados na construção de uma reportagem, por exemplo, são sempre escolhas políticas e também arbitrárias. Logo, “toda pauta organiza e desorganiza visibilidades e invisibilidades, toda pauta hierarquiza e deshierarquiza vozes e representações, toda pauta estrutura e desestrutura discursos” (Moraes, 2022, p. 10).

Por isso, ela entende a pauta como uma arma de combate - argumento que, inclusive, dá nome a sua obra¹⁰. “Ela [a pauta] pode servir para ir de encontro a uma desumanização também alimentada pelo próprio jornalismo. É uma tecnologia à disposição de um agir” (Moraes, 2022, p. 10).

A etapa seguinte diz respeito à apuração. Nela, a cautela deve ser companheira (Furtado, 2013). Isso porque, conforme a autora, ao não apurar todas as possibilidades - ou buscar distintas fontes - o jornalista aceita apenas o que foi oferecido, sem questionamentos. A notícia, a reportagem ou até mesmo um conteúdo informativo para o *Instagram* exigem rigor no manejo de dados, checagem e confirmação das informações. Mesmo que uma fonte, por exemplo, dê seu ponto de vista sobre determinado assunto, é preciso que os fatos sejam checados - ainda mais no que se refere a dados ou acontecimentos.

Reges Schwaab (2021) afirma que mesmo sem existir uma receita única de apuração, essa etapa tem características em comum, como o esforço metódico e detalhista, além do olhar curioso e atento dos jornalistas. Esse mapeamento completo sobre o assunto ou personagem “é o que vai permitir uma matéria relevante e pertinente, assim como a validação do testemunho do repórter” (Schwaab, 2021, p. 36). Por isso, o autor ainda aponta para o fato de que a arquitetura de um texto de qualidade começa a ser desenhada na pauta, é complexificada no contato com as fontes e no desenrolar das entrevistas, sendo consolidada por uma redação e edição criteriosa - etapas que veremos a seguir. Pauta definida, fontes entrevistadas e dados apurados em mãos: é chegada a hora de sintetizar todas as informações levantadas e dar a elas um ordenamento. É a chamada redação jornalística. O primeiro passo para escrever com segurança é fazer um esboço do que se pretende e prever de que forma a história será contada e amarrada no decorrer dos parágrafos (Spannenberg e Manna, 2021). Por isso, as autoras destacam que o texto jornalístico é muito mais fruto de um planejamento do que de “inspiração” - que dificilmente vai aparecer na redação como um passe de mágica.

A partir desse planejamento e ordenamento da notícia, aumenta-se a responsabilidade do jornalista em relação à escolha que fazem a cada palavra escrita - ou omitida (Spannenberg e Manna, 2021). O Caso de Ângela Diniz pode nos ajudar a

¹⁰ O livro “A Pauta é uma arma de combate - subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza”, da jornalista e professora Fabiana Moraes, foi lançado em 2022.

entender o pensamento das autoras. No dia 30 de dezembro de 1976, Ângela foi assassinada com quatro tiros numa casa na Praia dos Ossos, em Búzios, por seu então namorado Doca Street, réu confesso. Na época, a imprensa noticiou o crime a partir de um olhar passional, como se o assassino tivesse matado por ciúmes. Essa posição colocou Doca na posição de vítima, principalmente nos três anos que separam o crime do julgamento - fato que é narrado e exemplificado no podcast “Praia dos Ossos”¹¹, que contou a história do feminicídio. Apesar do caso ter acontecido há quase meia década, o modo como foi noticiado não é uma prática incomum por parte do jornalismo - que ainda insiste em colocar a justificativa do feminicídio acima do crime praticado¹². São escolhas nas formas de narrar acontecimentos. Finalizada a etapa de redação e escolhas feitas por parte do jornalista, a produção segue para o momento da edição.

Edição - etapa seguinte da rotina - é, em sentido amplo, preparação de textos, imagens, tabelas, listas ou outros materiais de interesse do leitor para publicação ou veiculação em meios impressos, eletrônicos ou digitais (Araujo, 2021 p. 83). Ou seja, é preparar algo para ser publicado, o que exige fazer escolhas. Conforme o autor, editar não se limita apenas a decidir sobre seleção e apresentação de textos jornalísticos. Implica intervir no próprio texto, “sugerindo diferentes ângulos e enfoques, alterando a hierarquia dos elementos da notícia ou reportagem, solicitando ao repórter que apresenta, suprima ou aprofunde um determinado aspecto do que foi apurado” (Araujo, 2021, p. 85). Editar, em suma, é conferir personalidade ao conteúdo jornalístico. Por fim, com o texto pronto, o conteúdo jornalístico chega na etapa de publicação, em que ocorre a postagem do conteúdo no site, plataformas de áudio e/ou redes sociais midiáticas.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Os aportes teórico e metodológico desta pesquisa têm como base a coleta e reunião de indícios que vão auxiliar no entendimento das rotinas do veículo jornalístico analisado - objetivo deste artigo. Assim, o método do estudo de caso (Braga, 2008; Yin, 2005) nos oferece pistas para analisar as rotinas de produção jornalísticas, bem como a inserção das plataformas digitais na cobertura esportiva. Como define Robert Yin

¹¹ Link do [podcast](#).

¹² Exemplos são justificativas que enfatizam que o agressor matou por conta de ciúme ou que a vítima teria provocado.

(2005), o estudo de caso se volta para indivíduos, grupos e situações particulares, em relação aos quais se faz uma indagação. Além disso, lida com uma “ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observação” (Yin, 2005, p. 27).

O estabelecimento de protocolos de observação e entrevista também esteve presente no percurso metodológico. Nesta etapa, elaboramos um guia para a ida a campo - a partir de informações já alinhadas como datas, autorização e a confirmação das jornalistas que participaram da pesquisa. Os protocolos foram fundamentais para que mantivéssemos um padrão de observação na Redação e também de abordagem na entrevista. Estes foram necessários já que não há uma metodologia ou técnica específica para a observação deste tipo de situação para a coleta de dados. Ambos estão descritos a seguir.

A observação (Winkin, 1998; Angrosino, 2009; Peruzzo, 2005) foi realizada de forma presencial na editoria esportiva de uma Redação Integrada, de um veículo de Comunicação do Rio Grande do Sul, no período de 21 a 23 de agosto de 2023. A observação se deu a partir do acompanhamento das rotinas de duas profissionais do veículo: Carolina Freitas e Valéria Possamai¹³. No período em que esta pesquisa foi realizada, Carolina atuava com editoria do site e a Valéria ocupava a função de produtora na rádio. Ambas são mulheres e, atualmente, responsáveis pela cobertura do futebol feminino do veículo jornalístico analisado.

Por isso, ao propor observar as peculiaridades das rotinas jornalísticas, optamos pela realização da técnica de observação participante. Tendo sua origem na antropologia, figura como uma das modalidades da pesquisa participante e começa a causar impacto nos estudos de Comunicação Social na década de 1980, e consiste na inserção do pesquisador no ambiente natural de ocorrência do fenômeno pesquisado (Peruzzo, 2005). Assim, é uma técnica que proporciona a observação de fenômenos da realidade no lugar em que ocorre, além de possibilitar o contato próximo com o objeto de pesquisa e as reflexões que podem ser feitas *in loco*. É somente com a ida a campo que o observador pode tomar conhecimento dos comportamentos que esses atores sociais desenvolvem de acordo com as situações e com os contextos em que estão envolvidos (Martins, 2007).

¹³ Para a pesquisa, ambas assinaram um termo que autoriza o uso dos dados para a pesquisa.

Além da observação, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. Esse modelo, conforme Jorge Duarte (2012), tem origem em uma matriz, ou seja, um roteiro de questões-guia que dão cobertura ao interesse de pesquisa. Assim, ela parte de questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa. As entrevistas foram feitas presencialmente na Redação e gravadas para posterior transcrição, filtragem e análise dos dados.

ANÁLISE

Atualmente, GZH é um dos únicos veículos brasileiros a ter uma página, dentro do site, dedicada ao esporte praticado por mulheres. Nesse espaço, denominado “Futebol Feminino”¹⁴, diversos assuntos são pautados - desde os tradicionais serviços de jogo até reportagens especiais. Em meio às últimas notícias sobre o que, especialmente, as atletas gaúchas fazem dentro de campo ou de quadra, dois aspectos iniciais chamam atenção: o maior número de matérias sobre a modalidade do futebol e autoria centralizada, principalmente, em duas jornalistas. Logo, uma das características da iniciativa é a presença de jornalistas especializadas nesse tipo de cobertura. Ao encontro de um dos objetivos da pesquisa, nos questionamos sobre como as pautas de futebol feminino se inserem na rotina da editoria esportiva.

No período de observação, a Valéria ocupava a função de produtora na rádio e Carolina atuava como editora do site. Na produção, Valéria agenda entrevista e auxilia nas jornadas esportivas, garantindo que tudo vá ao ar e que as entradas dos repórteres - e de toda equipe - funcionem de forma certa para que não fique um “buraco no ar” (Valéria, em entrevista, 2023). Entre as atribuições de Valéria também está a produção de conteúdo para GZH - desde matérias mais factuais até reportagens especiais.

E essa parte aqui [produção de matérias] entra também meu trabalho com relação à cobertura do futebol feminino. **A gente produz matérias e faz um acompanhamento dos departamentos femininos**, assim como é feito com a dupla GreNal. Claro que no masculino é mais setorizado, não acompanhamos o treino, por exemplo, mas **pautamos a rotina dos clubes, assuntos relacionados a lesões ou a conquista de atletas**. Já na Rádio [Gaúcha], eu tenho a missão de trazer esse conteúdo a partir de entradas ao vivo, feitas pela Carol também, trazendo o factual mas também alguma curiosidade. Assim, a gente procura levar o dia-a-dia do que está rolando no futebol feminino não

¹⁴ [Link](#) para o site da editoria de “Futebol Feminino”.

só com a dupla GreNal mas com outros times. (Valéria, em entrevista, 2023, grifo das autoras).

Já o trabalho da Carolina, enquanto editora do site, está relacionado principalmente à publicação e edição de matérias ou colunas, além da organização das pautas do dia - uma espécie de lista de tarefas atribuídas a cada repórter e que geralmente são feitas por algum editor. Paralelo a isso, também atua nas mais diversas tarefas relacionadas à cobertura de futebol feminino, que incluem apuração de pautas, acompanhamento de jogos, entradas na rádio e produção de conteúdo para as redes sociais midiáticas de Esporte GZH. Sobre a rotina, ela explica que:

[...] **não tem ninguém em GZH que é voltado apenas para o futebol feminino.** Então, as pessoas que controlam e que produzem conteúdo a respeito disso somos eu e a Valéria Possamai, mas a gente vai adaptando isso a nossa rotina, né? (Carolina, em entrevista, 2023, grifo meu).

Por conta de suas funções na produção e na edição do site, a cobertura do esporte feminino não configura a única função na editoria. No primeiro dia de observação em GZH, o encontro com Carolina ocorreu por volta das 16h30 - horário combinado previamente. Na ocasião, ela publicava matérias sobre a rodada do Gauchão Feminino daquele fim de semana e atualizava tabelas de dados sobre as competições femininas.

No primeiro momento, dois pontos chamaram atenção: a centralidade, de fato, das matérias sobre futebol feminino nas duas jornalistas, bem como os dados sobre o futebol feminino - ou a falta deles. Por falta de informações sobre as equipes e competições, a cada partida, ela atualiza tabelas com estatísticas em relação a atletas e competições. A primeira é em relação aos dados individuais de jogadoras (quem começou na posição de titular e quem entrou no decorrer da partida), gols e assistências. Esses dados são obtidos, principalmente, por meio das súmulas e, no caso das assistências, são conferidas no jogo completo, pois se trata de um dado que não aparece nas informações dispostas pela arbitragem. A segunda tabela é referente a cada equipe, como o Juventude, por exemplo. Nela, há estatísticas sobre os jogos da equipe da Serra desde a reabertura do seu departamento feminino em 2021. Já a terceira tabela é referente às atletas com mais jogos em determinada equipe e a quarta, que a Carolina preencheu naquela tarde, é referente aos dados por competição - naquele caso, o Gauchão Feminino. A jornalista conta que esse movimento é feito pela falta de

informações sobre as atletas e os jogos, bem como possibilidades de pautas que podem surgir a partir dos dados.

Outra peculiaridade da rotina é em relação à preocupação com outros formatos, como o rádio e vídeos para redes sociais midiáticas. No primeiro dia de acompanhamento da rotina na editoria esportiva, Carolina também preparou uma entrada ao vivo de dois minutos, que aconteceu às 18h28, no programa comandado por Lucianinho Périco e que, naquele dia, contou também com a participação de Maurício Saraiva, Luciano Périco e Bruno Flores. Após a entrada ao vivo, as demandas em relação ao futebol feminino se “misturam” às tarefas gerais da editoria. Carolina explica que vai “tocando” as pautas de esporte feminino na medida em que vai cumprindo as tarefas como editora do site - que incluem, principalmente, a edição e publicação de matérias ou colunas que chegam por e-mail.

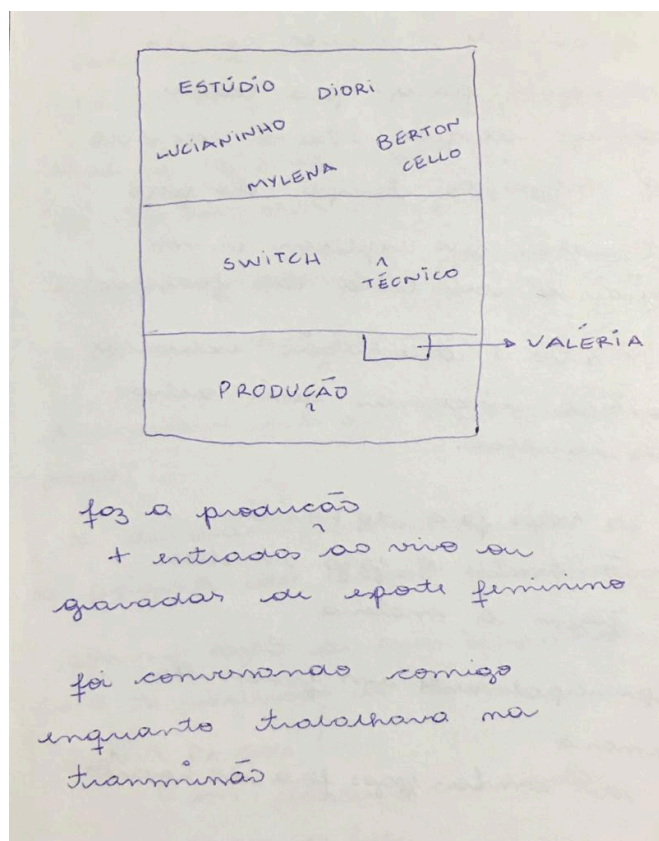
Figura 1: Foto da autora com as jornalistas Valéria (à esquerda) e Carolina (à direita)



Fonte: a autora, 2023.

O mesmo acontece com Valéria, mas como produtora. Assim como para Carolina, a dedicação não é exclusiva para a modalidade. “Precisa encaixar com outras demandas” (Valéria, durante a observação, 2023). Por vezes, a cobertura do futebol feminino acontece fora do horário de trabalho - geralmente no cenário em que assistem aos jogos *in loco* e fazem matéria pro site de GZH.

Figura 2: Diário de Campo do segundo dia de observação. Nessa página do bloco de notas, o registro do espaço da Rádio Gaúcha em que a Valéria se encontrava.



Fonte: a autora, 2023.

Ainda em relação à rotina, as reuniões de pauta - evidenciadas por Traquina (2013) e Sousa Pinto (2009) como parte do fluxo jornalístico - não aconteceram durante o período de observação. Carolina contou, em uma das idas até a Rádio Gaúcha (que fica em outro andar de GZH) para uma entrada ao vivo, que reuniões raramente acontecem sobre a cobertura de futebol feminino. Elas aconteceram durante a Copa do Mundo de 2023, por ser um evento mais abrangente, e em jogos específicos como um GreNal. O que há são trocas de mensagens ou conversas entre Carolina e Valéria - presenciais na redação e também por WhatsApp. Elas anotam o que precisa ser feito em relação a determinada rodada ou partida e, a partir disso, se dividem nas tarefas. “Acho que a gente tem que fazer uma matéria de retrospecto”, “Ver destaques da rodada”, “Tu quer fazer qual” foram exemplos de conversas comuns durante o período de observação.

Apesar da dedicação de Valéria e Carolina na cobertura do futebol feminino, em nenhum dos dias em que houve a observação, as oito horas de trabalho foram preenchidas somente com demandas relacionadas a esta pauta. Elas explicaram que é muito raro que o foco seja exclusivamente o esporte feminino. Já aconteceu, mas em competições específicas como a Copa do Mundo e na final do Brasileirão, quando viajaram para São Paulo.

Teve um dia que eu saí da minha rotina porque o jornal queria uma matéria especial com atleta X e Y, então, não tinha como encaixar durante o dia. E precisa ter esse entendimento dos gestores. **Se eles querem algo muito maior do que aquilo que estamos produzindo, precisamos de tempo. Eu não consigo estar editando uma matéria aqui, uma coluna de um Pedro Ernesto e tá fazendo uma entrevista ao mesmo tempo.** (Carolina, em entrevista, 2023, grifo meu).

Nesse sentido, a Copa do Mundo foi um marco porque possibilitou que as jornalistas dedicassem totalmente seu tempo à competição pela complexidade da cobertura e da sequência de jogos. Mas acontece raramente. Durante as demais competições, como o Gauchão, as demandas se encaixam na rotina, em que há outras prioridades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve o intuito de entender de que forma as pautas sobre esporte feminino modificam as rotinas jornalísticas. Para tal, foi analisado o veículo gaúcho GZH, que tem uma página dedicada a essa temática, para compreender como o assunto se insere na editoria esportiva. Logo, a pesquisa também se propõe a perceber o papel das jornalistas na construção de uma mídia mais igualitária no Rio Grande do Sul.

Os principais resultados apontam para uma dicotomia: de um lado, existe uma centralidade da cobertura de futebol feminino nas repórteres, ao mesmo tempo que as demandas relacionadas ao assunto não são prioridades na rotina jornalística - quando são, precisam ser conciliadas com outras funções da editoria esportiva. Além disso, por conta dessa centralidade, o planejamento é realizado por elas, o que coloca nas jornalistas a responsabilidade de escolher o que se torna ou não pauta em GZH. Sendo assim, temas relacionados ao futebol feminino não aparecem para a audiência por

iniciativa de um editor, por exemplo, mas pelo cansativo trabalho das jornalistas no planejamento e execução dos conteúdos.

Ademais, percebemos que o jornalismo mudou ao longo do tempo não só no que diz respeito à produção de conteúdo mas também à tematização de assuntos como esporte feminino - que por muito tempo foram invisibilizados. Aqui, é importante destacar que o jornalismo não “acordou” certo dia e entendeu a importância desse tipo de pauta e seu compromisso social, mas é resultado de mudanças na sociedade, tensionadas por movimentos sociais de gênero que buscam mudança e igualdade entre homens e mulheres. Exemplos podem ser encontrados no compromisso com a visibilidade das atletas gaúchas em GZH e do posicionamento do time feminino no em casos que envolvem violência de gênero - como o caso da demissão de Cuca do Corinthians.

Notamos também que o trabalho desenvolvido na cobertura do futebol feminino é fruto do compromisso que as jornalistas de GZH têm com a modalidade e com a visibilidade de atletas - especialmente de clubes gaúchos. Portanto, a partir do espaço concedido no veículo, elas contribuem para uma mídia mais igualitária no Rio Grande do Sul ao inserir pautas relacionadas ao esporte feminino na editoria esportiva.

Além disso, reiteramos que a temática deste trabalho, que compreende o entrelaçamento entre gênero, esporte e jornalismo, deve ser objeto de mais estudos e pesquisas. Fazendo analogia ao futebol, o fim de jogo não significa o encerramento de um trabalho, mas o momento de pensar como fazer melhor, propor mudanças táticas necessárias e se preparar para o próximo adversário. O mesmo acontece com a pesquisa. A partir dos resultados desta monografia, abre-se a possibilidade de pensar como o futebol se insere na rotina de outras redações, a percepção das atletas em relação ao espaço dado a elas na mídia gaúcha e de qual forma os veículos do Rio Grande do Sul contribuíram (se contribuíram) no registro da história do futebol feminino.

REFERÊNCIAS

ANGROSINO, Michael V. **Etnografia e observação participante**. São Paulo: Artmed Editora, 2009.

ARAÚJO, Luiz Antonio. Edição. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo**: Redação e reportagem. Florianópolis: Editora Insular, 2021.

BRAGA, José Luiz. **Comunicação, disciplina indiciária**. São Paulo: MATRIZES, 2008, n. 2, p. 73 - 88.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Editora Atlas S/A, 2012.

FURTADO, Thaís. Pauta. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo: Redação e reportagem**. Florianópolis: Editora Insular, 2021.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza**. Arquipélago Editorial: Porto Alegre, 2022.

PINTO, Ana Estela de Sousa. Jornalismo diário: reflexões, recomendações, dicas e exercícios. São Paulo: **Publifolha**, p. 340, 2009.

SCHWAAB, Reges. Apuração. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo: Redação e reportagem**. Florianópolis: Editora Insular, 2021.

SPANNENBERG, Ana Cristina; MANNA, Nuno. Redação. In: ZAMIN, Angela; SCHWAAB, Reges. **Tópicos em jornalismo: Redação e reportagem**. Florianópolis: Editora Insular, 2021.

VEIGA, Márcia. **Masculino, o gênero do jornalismo: um estudo sobre os modos de produção das notícias**. Florianópolis, Editora Insular, 2014.

YIN, Robert K. Estudo de Caso – **Planejamento e Métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.